

## **COMUNICAÇÃO, MEDIAÇÃO E ACESSIBILIDADE NOS ESPAÇOS CULTURAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Priscila Maria de Jesus<sup>1</sup>  
Cristina de Almeida Valença Cunha Barroso<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto pretende apresentar o panorama dos museus e espaços de memória existentes na Universidade Federal de Sergipe. Por meio de uma revisão de literatura, para a compreensão de termos chaves para a discussão, buscou-se, também, a aplicação de fichas avaliativas para compreender a dinâmica desses espaços dentro da relação Exposição - Educação - Visitante. Desta forma, são apresentados 08 (oito) espaços e seus acervos, que apresentam acervos com características distintas, mas que possuem potencial para exercer a educação não formal, por meio de suas exposições, guiamentos e atividades com o público.

**Palavras-Chave:** Comunicação, Mediação, Museus, Sergipe

## **COMMUNICATION, MEDIATION AND ACCESSIBILITY IN THE CULTURAL AREAS OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF SERGIPE**

**Abstract:** This text intends to present the panorama of the museums and memory spaces existing at the Federal University of Sergipe. Through a literature review, to understand key terms for the discussion, we also sought the application of evaluation sheets to understand the dynamics of these spaces within the Exposure - Education - Visitor relationship. Thus, eight (8) spaces and their collections are presented, which have collections with distinct characteristics, but which have the potential to exercise non-formal education, through their exhibitions, guidance and activities with the public.

**Keywords:** Communication, Mediation, Museums, Sergipe

## **COMUNICACIÓN, MEDIACIÓN Y ACCESIBILIDAD EN LAS ÁREAS CULTURALES DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE SERGIPE**

**Resumen:** Este texto pretende presentar el panorama de los museos y espacios de memoria existentes en la Universidad Federal de Sergipe. A través de una revisión de la literatura, para comprender los términos clave para la discusión, también buscamos la aplicación de hojas de evaluación para comprender la dinámica de estos espacios dentro de la relación Exposición - Educación - Visitante. Así, se presentan ocho (8) espacios y sus colecciones, que tienen colecciones con características distintas, pero que tienen el potencial de ejercer la educación no formal, a través de sus exposiciones, orientación y actividades con el público.

**Palabras Clave:** Comunicación, Mediación, Museos, Sergipe

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: priscilamdj@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: tina\_valenca@yahoo.com.br

## **Introdução**

A Universidade Federal de Sergipe-UFS mantém atualmente diversos ambientes culturais que colaboram para a promoção não só do ensino, pesquisa e extensão, mas também empenham-se em proporcionar momentos de lazer, entretenimento e fruição dos conhecimentos gerados partir das investigações que são realizadas por professores e alunos. Estamos falando de espaços culturais como o Museu Arqueológico de Xingó, o Museu de Anatomia, o Herbário, o Centro de Cultura e Arte, o Memorial da Democracia, o Museu do Homem Sergipano, a Galeria Jordão de Oliveira e o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação.

Com suas ações iniciadas em 1968, a Fundação universidade Federal de Sergipe (FUFSE) trouxe em seu escopo as escolas superiores e faculdades em funcionamento no estado de Sergipe desde a década de 1920, quando o Decreto-Lei nº 269, de 28 de fevereiro de 1967, institui a FUFSE (BRASIL, 1967). Com a premissa de ensino, pesquisa e extensão, a Universidade Federal de Sergipe se consolidou como a única universidade pública no estado de Sergipe, atualmente contando com 06 (seis) campi, localizados nas cidades de São Cristóvão, Aracaju, Laranjeiras, Itabaiana, Glória e Lagarto.

Os museus, enquanto instituições que promovem o acesso à cultura e informação, acompanham as transformações sociais e econômicas, refletindo em seus processos de comunicação suas particularidades. Desta forma, a implementação de políticas culturais que são realizadas por meio da existência do espaço museal dialogam com o momento presenciado pelo setor cultural brasileiro, apresentando momentos de maior desenvolvimento de suas ações e espaços ou não. Embora o processo de concepção das instituições museais partam de realidades distintas, seja a nível social, cultural e econômico, é possível identificar, a princípio três questões básicas que devem ser elencadas e discutidas:

- Versatilidade de ações e ampliação do próprio conceito de museu;
- Democratização no acesso à cultura e informação;
- Participação dos sujeitos envolvidos na construção da ação implantada, permitindo uma real significação e alcance da política cultural em execução.

No que tange à versatilidade de ações culturais, a mesma deve se ater à própria amplitude do conceito de cultura, que uma vez apresentado pelos sujeitos, ganha conotações até então não elencadas pelos órgãos regulamentadores de cultura e que, em muitos aspectos, pode causar estranhamento ou até mesmo conflito quando inicialmente visualizados. O

conceito de cultura vem passando por um alargamento da sua noção, buscando acompanhar as próprias mudanças sociais e econômicas, partindo de noções limitadoras existentes até o início do século XX e passando a incorporar as vivências, os sistemas simbólicos e os modos de vida do maior número de sujeitos possíveis.

Assim, ao se pensar em políticas culturais, sobretudo políticas públicas de cultura, é necessário, como ressalta Dagnino (2005), uma ampla participação da sociedade em todos os processos de construção de políticas públicas, se sua concepção até a sua implementação. Dessa forma as políticas em execução não só abarcarão o maior número de sujeitos e mas passarão a ter a representar aqueles à quem se destinam de forma precípua: as pessoas. Quando se diz "pessoas", parte-se para uma noção mais ampla, que tenta abarcar todos, sem distinção de gênero, idade, classe, nível educacional. Pensar ações para uma gama tão ampla é um desafio, mas que traz à discussão a própria noção de democratização no acesso à cultura, que de uma forma geral que dizer que todos possam ter acesso ao seu usufruto por meio da criação de políticas que e ações que rompam as barreiras das desigualdades de acesso, por meio da ampliação de seus públicos.

Seguindo esse alargamento do conceito de cultura, o próprio conceito de museu tem passado por reformulações. Na última reunião do Conselho Internacional de Museus (ICOM), realizada nos dias 21 e 22 de julho de 2019, em Paris, foi proposta para votação a definição alternativa:

Los museos son espacios democratizadores, inclusivos y polifónicos para el diálogo crítico sobre los pasados y los futuros. Reconociendo y abordando los conflictos y desafíos del presente, custodian artefactos y especímenes para la sociedad, salvaguardan memorias diversas para las generaciones futuras, y garantizan la igualdad de derechos y la igualdad de acceso al patrimonio para todos los pueblos.

Los museos no tienen ánimo de lucro. Son participativos y transparentes, y trabajan en colaboración activa con y para diversas comunidades a fin de coleccionar, preservar, investigar, interpretar, exponer, y ampliar las comprensiones del mundo, con el propósito de contribuir a la dignidad humana y a la justicia social, a la igualdad mundial y al bienestar planetario. (CONSELHO, 2019)

A democratização do acesso à cultura e informação, bem como o espaço enquanto mediador de conflitos, torna-se um ponto chave nessa nova discussão. Espaço de comunicação (processos) e informação (conteúdo), o museu, por meio de sua expografia e seu acervo promovem a relação objeto ↔ ser humano. A comunicação entendida como processo, uma vez que as técnicas e recursos empregados na expografia que buscam potencializar e

traduzir para o visitante a mensagem que se deseja passar por parte do museu, seja por meio de etiquetas, textos informativos e outros. A informação, enquanto esse conteúdo que é pesquisado, analisado e gerado em forma de uma mensagem para o seu público.

Sob o ponto de vista da comunicação humana, a informação pode ser compreendida como o processo de atribuição de sentidos que se dá na mente do receptor. A mensagem, sendo uma produção intencional, deve alterar a estrutura mental do receptor. Para tanto, os símbolos devem ser significativos para quem os capta, visto que a informação será gerada a partir das relações estabelecidas entre a mensagem (conjunto de signos significativos) e o cognóscio do receptor. (MESSIAS, 2005, p. 36)

No que se refere à participação dos sujeitos envolvidos na construção da ação implantada percebe-se, no caso dos museus, essa aproximação com os sujeitos sobretudo no processo de construção do plano museológico, no qual a comunidade do entorno, residentes ou comerciais, pesquisadores, devem participar do seu processo de concepção ou reformulação, tornando-se um plano participativo e que integre as demandas e anseios desses sujeitos e acordo com a missão da instituição, o que permite a real significação e alcance das política em execução no museu.

### **Objetivos e metodologia**

O texto tem como objetivo discutir sobre as potencialidades de comunicação e mediação cultural dos espaços museológicos da UFS levando em consideração três aspectos caros às diretrizes museológicas: a formatação expográfica desses ambientes, o processo de comunicação e a acessibilidade. Nessa direção, estabelecemos como objetivos específicos:

1. Realizar um levantamento sobre os espaços culturais da UFS;
2. Aplicar uma ficha de diagnóstico para traçar um perfil de cada espaço;
3. Discutir as potencialidades desses espaços a partir dos resultados encontrados.

Tomamos como caminho teórico as orientações apontadas por Davallon (2003) no sentido de compreender melhor o fenômeno da comunicação dentro das instituições culturais. Para discutir a ideia de mediação cultural tomaremos como norte as orientações trazidas por Edmir Perrotti e Ivete Piericcini (2014) por compreender a mediação cultural como um espaço de conflitos e possibilidade a partir do qual se estabelecem as relações sociais. Corroborando com suas análises discutiremos sobre a comunicação museológica com Barbuy (2010) e Cury (2005) visto que as autoras fazem uso do entendimento de que o fenômeno da comunicação,

independente de como ele possa ser apresentado faz parte do processo museológico, ou seja, as exposições, os textos, materiais de divulgação e informação, os dispositivos tecnológicos e de interação são formas de extroversão do conhecimento e que produzem o contato entre visitante e o objeto no cenário museal.

Para desenvolver as análises realizamos além do levantamento bibliográfico, um diagnóstico de avaliação física e comunicacional dos espaços museológicos da UFS. Esse diagnóstico foi elaborado partir da triangulação entre análise teórica, observação direta do funcionamento do espaço e preenchimento de uma ficha de avaliação museológica. A ficha de avaliação foi confeccionada levando em consideração os textos de Eilean Hooper-Greenhill (1998), Eloísa Perez Santos e Marília Xavier Cury (2005), nessa ficha elencamos pontos considerados importantes para verificar as potencialidades dos museus. Esses pontos seriam:

- a) elementos de concepção e formatação da exposição;
- b) ordenação da narrativa expográfica;
- c) a disposição dos elementos/objetos na exposição;
- d) apresentação temática;
- e) adequação temática a todos os tipos de público;
- f) organizadores conceituais, recursos e técnicas da exposição;
- g) circulação e acessibilidade física;
- h) produção textual e recursos de comunicação;
- i) acessibilidade sensorial;
- j) serviços.

A partir da análise dos resultados encontrados foram elaborados diagnósticos para cada espaço museológico da Universidade Federal de Sergipe e com isso foi possível ter uma visão mais convergente do potencial de comunicação e mediação cultural com vistas desenvolver futuramente propostas, programas e projetos que possam melhorar o atendimento, a gestão e o acesso à essas instituições.

Foi-se criada a Tabela 01, com a distribuição das instituições e característica iniciais para seu posterior estudo. Foram adotados os campos a saber:

- Instituição: nomenclatura adotada pela instituição museal;
- Situação: status em que se encontra a instituição, ativa (em funcionamento) ou inativa (fechada);

- Tipologia: para classificação da tipologia da instituição, levou-se em consideração o seu acervo e sua missão, seguindo os parâmetros adotados pelo Instituto Brasileiro de Museus/IBRAM (2011);
- Exposição: caracterização da exposição presente nos espaços estudados em duas classes, longa duração (compreendendo um período superior a 5 anos) e temporária (com período de dias a um ano).

*Tabela 01 - Relação dos museus e seu perfil*

<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>SITUAÇÃO</b>	<b>TIPOLOGIA</b>	<b>EXPOSIÇÃO</b>
Museu Arqueológico de Xingó	Ativo	Arqueológico	Exposição de longa duração e temporárias
Museu de Anatomia	Ativo	Ciências Naturais e História Natural	Exposição de longa duração
Herbário	Ativo	Ciências Naturais e História Natural	Exposição de longa duração
Centro de Cultura e Arte	Ativo	Artes Visuais	Exposição de longa duração e temporárias
Memorial da Democracia	Ativo	Histórico	Monumento a céu aberto
Museu do Homem Sergipano	Inativo	Antropologia/Histórico	Exposições temporárias
Galeria Jordão de Oliveira	Ativo	Artes Visuais/Diversos	Exposições temporárias
Centro de Pesquisa, Documentação	Ativo	Documental	Exposição de longa duração
Memória do Colégio de Aplicação	Ativo	Arquivístico	Exposição de longa duração

Desta forma foi possível compreender o perfil do acervo de cada uma das instituições e perceber a sua diversidade, bem como características comunicacionais e periodicidade de suas exposições.

## **Resultados e discussões**

No processo de divulgação do conhecimento os museus ganham cada vez mais a autorização como organizações que tem como fulcro principal a comunicação e por esse fato tem sido reconhecido pela literatura atual como uma instituição de educação não formal. Dessa forma, as atividades e práticas museológicas têm se voltado não só para a gestão interna, mas principalmente para alcançar o público com mais eficiência. Cury (2005) corrobora para essa assertiva afirmando que: “a reflexão sobre como as pessoas aprendem no museu e como ensinam associada aos estudos psicoeducativos sobre os processos cognitivos trouxe aos museus e especialmente às exposições a preocupação de preparar exposições sob a ótica do público” (CURY, 2005, p.39).

Talvez esse fato justifique as iniciativas de divulgação das informações que visam o público e suas relações de aprendizagem. Assim o processo, as formas e estratégias de comunicação dentro das exposições são pensadas não só em relação ao objeto, mas principalmente como as pessoas irão se apropriar desse objeto, ou melhor, das informações, impressões e memórias que por ventura estejam arraigadas a esse objeto. Para Cury (2005) a comunicação museológica está relacionada às formas de extroversão que a curadoria elege ao planejar as exposições, afirma que “a comunicação museológica é uma denominação genérica que são dadas às diversas formas de extroversão do conhecimento em museus” (CURY, 2005, p.34).

Mas como se dá esse processo de comunicação nos museus? Atualmente, muito tem-se discutido sobre a importância da mediação como forma de entender as estratégias estabelecidas nas exposições de modo a facilitar a compreensão do que está sendo extrovertido ao público. Nesse entendimento normalmente a mediação entra como conceito operatório. Davallon (2007) ao discutir sobre o processo de mediação faz inicialmente diversos questionamentos sobre a funcionalidade do termo e a falta de clarividência na literatura sobre o uso e definição. Assim, ao estudar a noção opta em um primeiro momento por entender como o termo mediação vem sendo utilizado. Ele distinguiu três tipos de uso: quando os “autores lhe fazem referência de maneira incidente; o utilizam como conceito operatório; ou lhe consagram uma parte de sua obra e visam dar-lhe uma definição” (DAVALLON, 2007,06). Dentro dessa análise ele estabelece um constructo hipotético no qual entende que a mediação aparece nas exegeses quando “há falhas ou inadaptação das concepções habituais da comunicação...” e que portanto o mediador ou a mediação aparece

como um terceiro personagem para dissolver possíveis problemas na comunicação, mas o autor se questiona sobre a "natureza deste terceiro", que lhe parece o ponto principal das divergências conceituais. E, assim, conclui que: “o modelo da mediação faz aparecer é menos os elementos(a informação, os sujeitos sociais, a relação, etc.) do que a articulação desses elementos num dispositivo singular (o texto, o média, a cultura)” (DAVALLON, 2007, p.24).

Mesmo que o processo de mediação seja uma opção mais confortável ao discutir sobre as formas de comunicação nos museus, um outro conceito que compõe esse debate é a ideia de mediação cultural. Como forma de compreensão mais aproximada dos fenômenos presentes na relação do “cenário museal”, a ideia de mediação cultural tem como efeito estabelecer a inter relação dos sujeitos e informações que tem como pano de fundo a cultura. Para Perrotti e Pieruccine (2014), o conceito de mediação cultural representa um entendimento no qual se estabelecem meios de propiciar o diálogo dentro de uma concepção de diversidade social e ciente das tensões e conflitos próprios da heterogeneidade social. Para Perrotti e Pieruccine (2014) o conceito de mediação cultural:

O conceito de mediação cultural emerge na contemporaneidade como formulação teórica e metodológica inscrita, portanto, num quadro que reconhece os conflitos, ao mesmo tempo que a necessidade de estabelecimento de elos que viabilizem diálogos necessários à geração de ordens culturais mais democráticas e plurais. Na diversidade que caracteriza o espaço público, sem silenciar conflitos nem vozes discordantes, sem isolar ou impedir a emergência da pluralidade, das tensões que lhe são próprias, a mediação cultural apresenta-se, pois, como um território discursivo, de embates e possibilidades (PERROTTI e PIERUCCINE, 2014, p. 13).

Numa análise mais aproximada das práticas desenvolvidas pelos museus vinculados à Universidade Federal de Sergipe podemos inferir que por mais diferenciadas que sejam as tipologias dos acervos mantidos na instituição, eles promovem a difusão do conhecimento científico e contribuem para a promoção da educação. Mas podemos nos perguntar como estão configuradas as exposições? A estrutura física, aparatos expográficos, o atendimento, e a acessibilidade estão contribuindo para a efetividade da comunicação museal? Quais os problemas e qual o potencial dessas instituições?

Fazendo um tour pela Universidade Federal de Sergipe e seus pólos percebemos como os espaços culturais Museu Arqueológico de Xingó, o Museu de Anatomia, o Herbário, o Centro de Cultura e Arte, o Memorial da Democracia, o Museu do Homem Sergipano, a Galeria Jordão de Oliveira e o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de



Aplicações estão desenvolvendo novas práticas e política de acesso, visita e acompanhamento. Vemos atualmente um progressivo deslocamento do foco do público alvo e do desenvolvimento das atividades internas, voltando seu centro de interesse no sentido em acolher e atender a comunidade externa à universidade extrapolando os muros não só com a elaboração de exposições temporária, participação em mostras científicas em espaços públicos, mas também recebendo de forma mais organizada e incisiva a comunidade do entorno da universidade e estudantes da educação básica. Assim, boa parte do que estão sendo produzidos por esses espaços começam a ser difundidos com maior eficácia e ganham aos poucos, maiores proporções.

Se observarmos de forma mais incisiva podemos perceber que apesar das dificuldades de manutenção, condições de espaço físico, mobiliário e acessibilidade, o material em exposição e as informações nele exposta são tão interessantes e curiosas que tornam-se espaços em potencial uso para instrução e, principalmente, de formação de opinião pública sobre descobertas científicas produzidas na Universidade.

Os espaços culturais da UFS apresentam 07 (sete) categorias distintas. Entre essas categorias, apenas uma instituição apresenta um acervo com mais de uma tipologia, o Museu do Homem Sergipano. As tipologias mais recorrentes foram Ciências Naturais e História Natural (2 instituições), Artes Visuais (2 instituições) e Histórico (2 instituições).

*Figura 01 - Museu Arqueológico do Xingó/MAX.*



*Fonte: Google*

O MAX, Figura 01, foi inaugurado no ano de 2000, fruto de uma parceria entre a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), a PETROBRAS e a UFS, para salvaguarda do material arqueológico obtido nas escavações para a implantação da Usina Hidrelétrica do Xingó (DINIZ, 2005). O museu, que conta com uma reserva técnica e um laboratório de pesquisa arqueológica, desenvolve ações educativas e de comunicação com as cidades e estados que fazem fronteira com Sergipe. Sua exposição de longa duração, projeto da museóloga Dra. Cristina Bruno, apresenta ao visitante a pré-história sergipana, por meio de dioramas, artefatos, bem como uma estrutura que permite o pernoite de grupos de pesquisadores. O museu conta ainda com uma exposição itinerante que percorre o estado apresentando parte do acervo e as ações do museu.

*Figura 02 - Memorial da Democracia.*



*Fonte:* Foto de Humberto Luiz Barros Moraes

O Memorial da Democracia, Figura 02, espaço museal a céu aberto, constitui em um monumento e praça construídos na cidade universitária Aloísio de Campos, projeto idealizado pelo professor do Departamento de História da UFS, Dr. Fernando Sá e pelos arquitetos César Henrique Matos e Silva (DAU/UFS), Júlio Santana e Cléo Maia, da Divisão de Projetos da UFS (Dipro/Infraufs) (Universidade, 2017). O espaço, que agrega um monumento composto por três mãos que representam a liberdade de expressão e a busca pelos direitos democráticos, surgindo como um contraponto e espaço de reflexão ao Golpe Militar de 1964, o processo de redemocratização vivido na década de 1980. Embora o espaço seja um monumento, optou-se

por inseri-lo na tipologia *Histórico*, uma vez que o espaço busca trazer essa relação entre a memória e história de fatos ocorridos para a comunidade de Sergipe.

A Galeria Jordão de Oliveira, Figura 03, localizada no hall de entrada da Biblioteca Central da Cidade Universitária da UFS, caracteriza-se por ser um espaço que não possui acervo próprio, mas sim, recebe em espaço, as pautas de atividades expositivas de diversos órgãos, professores e alunos da própria universidade. A Galeria não conta com suportes expositivos próprios, assim, não há uma uniformização ou apoio à quem for expor, somente pela cessão do espaço.

*Figura 03 - Galeria Jordão de Oliveira*



*Fonte:* Foto de Humberto Luiz Barros Moraes

O Museu de Anatomia Prof. Dr. Osvaldo da Cruz Leite, Figura 04, vinculado ao Departamento de Morfologia da Universidade Federal de Sergipe, foi inaugurado em 2009, o museu por meio de seu acervo que conta com material biológico, ossadas, partes de corpos humanos, busca apresentar ao visitante a compreensão da anatomia humana, funcionando como um laboratório de prática para os discentes do curso, bem como com projetos de recepção de grupos escolares (Universidade, s/a). O espaço conta com estantes de aço, frascos de vidro, semelhante à estrutura de um laboratório, para o desenvolvimento de suas ações expositivas.

*Figura 04 - Museu de Anatomia*



*Fonte:* Foto de Humberto Luiz Barros Moraes

Criado em 1974 e vinculado atualmente ao Departamento de Biologia da UFS, O Herbário ASE, Figura 05, apresenta um acervo amplo e que serve de referência para o estado de Sergipe.

Atualmente reúne uma coleção com mais de 40.000 exemplares entre algas, licófitas, samambaias, gimnospermas e angiospermas, sendo este último o grupo mais representativo. Além disso, há uma carpoteca anexa. É referência no Estado como depositário da diversidade botânica, decorrente de projetos pessoais ou institucionais, levantamentos florísticos, atividades didáticas e projetos realizados por profissionais de diversas áreas do conhecimento. (Universidade, s/a)

O herbário não conta com uma expografia, no sentido museológico, mas sim, como um laboratório de pesquisa, ou mais especificamente, como uma reserva técnica, uma vez que o material fica acondicionado nos seus respectivos armários. No entanto, constitui do único acervo que está totalmente disponível para consulta on-line.

Figura 05 - Herbário ASE



*Fonte:* Foto de Humberto Luiz Barros Moraes

O Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (CEMDAP), Figura 06, surgiu a partir do projeto de iniciação científica Constituição de acervo documental do Colégio de Aplicação: Organização de documentação escolar permanente, desenvolvido de 2013 a 2015 pelo Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição (Universidade, s/a). Com entrevistas e objetos que foram adquiridos por meio de doações de ex-funcionários, professores, alunos e ex-alunos, o Centro de pesquisa busca contar a memória institucional do Colégio de Aplicação. Em sua página na internet, apresenta como uma das suas missões:

Também é um espaço para “provocar situações de aprendizado” por meio de trabalho interdisciplinar a respeito de questões ligadas a escrita, oralidade, memória, herança cultural; compreensão e leitura de textos e imagens; processos físico-químicos de conservação do papel; condições ambientais para preservação de documentos e higienização; cuidados com a saúde ao manipular documentos, meio ambiente e meio ambiente histórico, dentre outras temáticas e/ou temas transversais. (Universidade, s/a)

O CEMDAP, enquanto instituição de salvaguarda dentro de espaço escolar, proporciona aos estudantes e professores, um campo de prática e vivências, permitindo o processo de reconhecimento e de pertencimento.

*Figura 06 – CEMDAP*



*Fonte:* Foto de Humberto Luiz Barros Moraes

O Centro de Cultura e Arte (CULTART), criado em 1980 no antigo prédio da Faculdade de Direito, caracteriza-se pela sua ampla coleção de pinturas e esculturas de artistas nacionais, com foco nos artistas sergipanos, que compõem a exposição de longa duração da instituição. Suas salas abrigam exposições temporárias com as mais distintas temáticas, atendendo solicitações do público interno e externo da UFS. Atualmente o prédio, tombado pelo Patrimônio Estadual, passa por restauro, estando as atividades desativadas temporariamente em sua sede desde 2018. (Universidade, s/a).

O Museu do Homem Sergipano, criado em 1978 sob o nome de Museu de Antropologia, ao longo de sua vida teve várias sedes e nomes e, desde 2013 encontra-se com seu prédio fechado devido a problemas estruturais e seu acervo foi no ano de 2018 cedido, parte para o Departamento de Museologia, para pesquisa e atividade prática com os discentes, atualmente lotado no Laboratório de Expografia, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Me. Priscila de Jesus e parte, sobretudo mobiliário, em exposição temporária no Museu Histórico de Sergipe. Segundo a Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Verônica Nunes, última diretora da instituição, o Museu:

[...] é o resultado das iniciativas de professores de Antropologia da Universidade Federal de Sergipe, cujo objetivo era a preservação e divulgação dos variados aspectos da história e da cultura a partir de fragmentos do processo histórico cujos elementos sustentavam as particularidades da sociedade sergipana. (NUNES, 2010, p. 68-9)

Caracterizado pelas suas atividades educativas que envolviam as escolas do seu entorno, ao ser alocado no Laboratório de Expografia, busca-se por meio de projetos de pesquisa, extensão e exposições temporárias no Campus de Laranjeiras, manter essa relação entre as escolas e seu acervo.

Ao se analisar as propostas expositivas e atividades desenvolvidas por essas instituições, a relação com o público escolar continua ganhando destaque, no processo de aproximação entre visitante - museu. A proposta expográfica desses espaços coadunam com suas missões, cumprindo com o que se propõem. Há exposições que apresentam mais recursos expositivos para promover essa interação visitante - objeto, como o caso do Museu de Arqueologia do Xingó, que apresenta dioramas e partes de interação tátil com o acervo, há exposições mais didáticas, que por meio do processo de guiamento permitem conhecer coleções que apresentam características mais específicas e podem ter temática mais distante do cotidiano do visitante.

Se no início dos museus modernos o processo de aprendizagem não era o foco das ações desenvolvidas, hoje, o museu enquanto prestador de serviços, oferece o conhecimento, o lazer, o diferente, o único, para que seu visitante opte como, quando e de que forma ele irá se apropriar desse espaço.

### **Conclusão**

Diante do exposto podemos perceber que nem todos os espaços que apresentam potencial educativo e de comunicação foram abordados nesse artigo visto que trata-se de um estudo inicial e as análises e levantamento ainda estão em fase de construção. Entretanto já foi possível perceber a variedade de tipologias de museus mantidas pelos órgãos da UFS, elas mantêm os espaços com objetos frutos de pesquisas, empréstimos e compra. Procuram estabelecer uma linha narrativa mais próxima dos objetivos para os quais foram fundadas e identifica-se, de forma tímida, programas culturais e educativos voltados especificamente para o público alvo de cada instituição.

Percebemos também que existem espaços mais bem preparados com mobiliários adequados, acessibilidade, com programas de gestão, atendimento ao público e programas culturais como por exemplo o Museu Arqueológico de Xingó. Por outro lado, identificamos espaços com grande potencial educativo mas que precisam de adequação dos espaços, construir planos museal e desenvolver programas de atendimento ao público. Nessa direção, a

proposta deste estudo é ao identificar as potencialidades, perceber também as fraquezas e, assim, poder executar planos de capacitação de pessoal para esses espaços orientados pelo Departamento de Museologia com a finalidade de poder contribuir para o desenvolvimento desses espaços culturais.

### **Referências**

BARBUY, Heloisa Maria Silveira. A comunicação em museus e exposições em perspectiva histórica. In: *Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo* [S.l: s.n.], 2010. Disponível em: <https://bdpi.usp.br/item/002164800>. Acesso em: 09 de outubro de 2010.

BRASIL, Decreto-Lei nº 269, de 28 de fevereiro de 1967, disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-269-28-fevereiro-1967-378094-publicacaooriginal-1-pe.html>, acesso em 08 de outubro de 2019.

CONSELHO Internacional de Museus. *Definición de museo*. 2019, Disponível em <https://icom.museum/es/actividades/normas-y-directrices/definicion-del-museo/> [acesso em 02 de setembro de 2019].

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

DAGNINO, Renato Peixoto. A Política de C&T brasileira: impasses e perspectivas. In: *XI Seminario de Gestión Tecnológica - ALTEC 2005*, 2005, Salvador - Bahia. XI Seminario de Gestión Tecnológica - ALTEC 2005, 2005

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo?. In: *PRISMA.COM - Revista de Ciências e Tecnologia da Informação e Comunicação*. n.04(2007) ISSN 1646-3153 | DOI 10.21747/16463153. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2100/3046>. Acesso em: 09 de outubro de 2019.

DINIZ, José Alexandre Felizola. Uma nova realidade museal em Sergipe: o Museu de Arqueologia de Xingó. In.: *Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão*, v. 1, p. 63-72, mar./jun. 2005, P. 63 - 71.

HOOPER-GRENNHILL, Eilean. *Los museos y sus visitantes*. Espanha: Editora TREA, 1998. Instituto Brasileiro de Museus. *Guia dos Museus Brasileiros*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

MESSIAS, Lucilene Cordeiro da Silva. *Informação: um estudo exploratório do seu conceito em periódicos científicos brasileiros da área de Ciência da Informação*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista. Marília, 2005.



NUNES, Verônica M. M. O Museu do Homem Sergipano. *Revista Patrimônio e Memória. UNESP –FCLAs –CEDAP*, v.6, n.2, p. 78-96, dez.2010. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/87/556>, acesso em 15 de setembro de 2019.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. *Informação & Informação*, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01-22, out. 2014. Disponível em: <http://goo.gl/2fSHRV>>. Acesso em: 12 Jun. 2015.

Universidade Federal de Sergipe. *Notícias*. Disponível em: <http://www.ufs.br/conteudo/59708-com-essa-praca-estamos-recuperando-a-memoria-do-nosso-povo-diz-reitor-da-ufs-na-inauguracao-do-memorial-da-democracia>, acesso em 10 de outubro de 2019.

Universidade Federal de Sergipe. *Herbário ASE*. Disponível em: <http://herbarioase.ufs.br/pagina/20693>, acesso em 10 de outubro de 2019.

Universidade Federal de Sergipe. *CEMDAP*. Disponível em: <http://codap.ufs.br/pagina/20676-cemdap-centro-de-pesquisa-documentacao-e-memoria-do-colegio-de-aplicacao>, acesso em 09 de outubro de 2019.

Universidade Federal de Sergipe. *Centro de Cultura e Arte*. Disponível em: <http://proex.ufs.br/pagina/21152-centro-de-cultura-e-arte>, acesso em 08 de outubro de 2019.

#### Referência imagem

Museu de Arqueologia do Xingó. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=MUSEU+DE+ARQUEOLOGIA+DE+XING%C3%93&rlz=1C1GCEA\\_enBR848BR848&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj1wbG8kL\\_jAhUBJrkGHfkvCeUQ\\_AUIEigC&biw=1280&bih=610#imgrc=zf3USBJoI8EpHM](https://www.google.com/search?q=MUSEU+DE+ARQUEOLOGIA+DE+XING%C3%93&rlz=1C1GCEA_enBR848BR848&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj1wbG8kL_jAhUBJrkGHfkvCeUQ_AUIEigC&biw=1280&bih=610#imgrc=zf3USBJoI8EpHM):

**Recebido em: 10/10/2019**  
**Aprovado em: 08/04/2020**